



FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E PROFESSORES DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

TRAINING OF TEACHERS OF NATURAL SCIENCES AND GENDER AND SEXUALITY ISSUES

FORMACIÓN DE PROFESORES DE CIENCIAS NATURALES Y TEMAS DE GÉNERO Y SEXUALIDAD

Thamires Luana Cordeiro



Mestra em Educação em Ciências
Química da Vida e Saúde (UFSM)
thamiresluanac@gmail.com

Eliane Gonçalves dos Santos



Doutora em Educação em Ciências
(UNIJUI)
Professora da Universidade
Federal da Fronteira Sul (UFFS)
Docente no Programa de Pós-
Graduação em Ensino de Ciências
(PPGEC/UFFS)
santoselianegoncalves@gmail.com

Resumo

A pesquisa buscou analisar as concepções de licenciandos e licenciandas de três cursos voltados a formação de professores e professoras da área de Ciências da Natureza, referentes aos termos Gênero e Sexualidade. Visto que a mídia, a sociedade e os discursos conservadores reforçam e contribuem para a construção de visões tendenciosas referentes a estas temáticas. Para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizado um questionário e para a exploração dos dados utilizou-se a Análise de Conteúdo, da qual emergiram três categorias. Os resultados demonstram que estudantes de licenciatura apresentam entendimentos equivocados sobre as terminologias Gênero, Sexualidade e Orientação sexual e sinalizam que a Universidade aborda pouco essas temáticas, ao mesmo tempo, reconhecem a importância de se trabalhar com essas questões nos espaços escolares. Por fim, a pesquisa aponta que são necessários maiores aprofundamentos acerca da temática Gênero e Sexualidade na formação de professores e professoras, haja vista que essas questões fazem parte do cotidiano e estão presentes na vida das educandas e dos educandos.

Palavras-chave: Gênero e Sexualidade. Ciências da Natureza. Formação de professores.

Recebido em: 27 de janeiro de 2022.

Aprovado em: 21 de novembro de 2022.

Como citar esse artigo (ABNT):

CORDEIRO, Thamires Luana; SANTOS, Eliane Gonçalves dos. Formação de Professoras e Professores de Ciências da Natureza e as questões de gênero e sexualidade. **Revista Prática Docente**, v. 7, n. 3, e22079, 2022.
<http://doi.org/10.23926/RPD.2022.v7.n3.e22079.id1453>



Abstract

The research sought to analyze the conceptions of undergraduates and graduates of three courses aimed at training teachers in the field of Natural Sciences, referring to the terms Gender and Sexuality. Since the media, society and conservative discourses reinforce and contribute to the construction of biased views regarding these themes. For the development of this research a keyboard was used and for the exploration of the data Content Analysis was used, from which three categories emerged. The results show that undergraduate students have misunderstandings about the terminologies gender, sexuality and sexual orientation and indicate that the University addresses some of these issues, at the same time, they recognize the importance of working with these issues in school spaces. Finally, the research points out that greater depth is needed about the theme of Gender and Sexuality in the training of teachers, given that these issues are part of everyday life and are present in the lives of students.

Keywords: Gender and Sexuality. Natural Sciences. Teacher training.

Resumen

La investigación buscó analizar las concepciones de graduados y graduados de tres cursos destinados a la formación de profesores en el campo de las Ciencias Naturales, en referencia a los términos Género y Sexualidad. Dado que los medios de comunicación, la sociedad y los discursos conservadores refuerzan y contribuyen a la construcción de visiones sesgadas sobre estos temas. Para el desarrollo de esta investigación se utilizó un teclado y para la exploración de los datos se utilizó el Análisis de Contenido, del cual surgieron tres categorías. Los resultados muestran que los estudiantes de pregrado tienen malentendidos sobre las terminologías género, sexualidad y orientación sexual e indican que la Universidad aborda algunos de estos temas, al mismo tiempo, reconocen la importancia de trabajar estos temas en los espacios escolares. Finalmente, la investigación apunta que se necesita mayor profundidad sobre el tema de Género y Sexualidad en la formación de docentes, dado que estos temas forman parte del cotidiano y están presentes en la vida de los estudiantes.

Palabras clave: Género y Sexualidad. Ciências de la naturaleza. Formación de profesores.



1 INTRODUÇÃO

Dentro das Instituições de Ensino Superior (IES) e do ambiente escolar as pluralidades culturais, religiosas, socioeconômicas e as configurações de famílias se encontram trazendo diferentes valores, costumes e crenças. Além disso, essas instituições precisam estar preparadas para receber toda a diversidade. Assim, as escolas precisam ser locais em que os preconceitos são eliminados e não reforçados, o que significa oferecer aos alunos e alunas as mesmas oportunidades de acesso a métodos de ensino e currículos livres de estereótipos, bem como de orientações acadêmicas sem influência ou reprodução de preconceitos (UNESCO, 2004).

Estudantes de licenciatura em breve estarão atuando em sala de aula exercendo a docência. Desse modo, torna-se necessário o acesso a informações sobre Gênero e Sexualidade no intuito de superar e romper preconceitos pré-estabelecidos ou visões tendenciosas. Em consonância:

As condições de existência das instituições escolares e acadêmicas estão, certamente, em transformação (como de resto, por seu caráter histórico, estão todas as instituições sociais). A presença maciça das meninas e mulheres nas salas de aula (em algumas instâncias e níveis superando a presença masculina); a maior visibilidade dos sujeitos homossexuais e bissexuais e seu reconhecimento pela mídia; a imposição das discussões sobre sexo e sexualidade, a partir da expansão da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS; o aumento das relações afetivas e sexuais fora do casamento formal; a extraordinária revolução das formas e meios de comunicação — todos esses e muitos outros processos estão atravessando a escola. Esses processos rompem antigas barreiras sociais, de tempo e de espaço, promovem contatos com múltiplos sujeitos, saberes, modos de vida, comportamentos e valores, de formas antes impensáveis. Todas as instituições sociais são, necessariamente, afetadas por essas transformações; suas condições de existência alteram-se (LOURO, 1998, p.120).

Diante disso, a escola é o lugar ideal para levantar e promover debates de temáticas que precisam de mais relevância, para que a sociedade seja, hoje e futuramente, mais plural e igualitária.

Avaliar as concepções prévias dos e das futuras docentes é um caminho interessante para a problematização e a reflexão. Desse modo, criar espaços de diálogos e reflexões sobre assuntos que fazem parte da vida das pessoas a partir da formação de professores e professoras é firmar compromisso com o respeito e a igualdade incorporados no discurso docente e nos espaços escolares.

Para Machado *et al.* (2017), a formação docente almejada para as relações de gênero precisa estar alinhada à ideia de justiça social, perpassando, essencialmente, pela reflexão crítica dos contextos contemporâneos, para que se possa construir a ideia de equidade. Partindo do entendimento, é importante analisar e refletir sobre:



O que a Universidade vem fazendo no sentido de uma formação que contemple conteúdos e práticas referentes às diversidades sexuais e de gênero? Em que medida ela incorporou a discussão destes temas em suas licenciaturas? Estas/es futuras/os profissionais estão aptas/os a realizá-la? (SOUZA, 2008, p. 13).

Segundo Reis (2011), ao analisar a importância dos contextos históricos nas construções sociais e culturais de corpo e gênero, percebe-se a importância da discussão dessas questões na formação de professores da área de Ciências da Natureza, “haja visto que o contexto escolar é um fértil terreno de (des)construção e/ou de legitimação de (pre)conceitos relacionados às questões de gênero e de diversidade sexual” (REIS, 2011, p.25). As IES e escolas representam espaços privilegiados de socialização, discussão, reflexão e de tomada de consciência para essa temática, assim como de outros assuntos que permeiam os espaços formativos.

Assim sendo, em concordância com Reis (2011), discutir gênero, currículo e formação de professor(a) pressupõe abordar campos fundamentais para o fomento de uma educação verdadeiramente democrática e plural. O grande desafio proposto para a educação é estabelecer conexões entre o que se aprende no espaço acadêmico e escolar e a vida da população brasileira (BRASIL, 1997). Formar a criança e o adolescente para a responsabilidade social de cidadão, que participa dos destinos do País como um todo, direcionando a proposta para a busca de soluções. “Mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo, a escola tem papel crucial a desempenhar nesse processo” (BRASIL, 1997, p. 23).

Pesquisas ressaltam que as questões de gênero e sexualidade têm se configurado um desafio recorrente para as escolas e IES (LOURO, 2003; QUIRINO, 2014; PEREIRA; MONTEIRO, 2015). Seja por desconhecimento da abordagem transversal da temática, seja por falta de formação dos e das estudantes de licenciatura, as; os quais se sentem desconfortáveis e despreparados e despreparadas para desenvolver um trabalho pedagógico, principalmente nos primeiros níveis de escolarização. Outra responsabilidade escolar é com a apresentação de conhecimentos científicos, dos conteúdos expressos nos currículos escolares (COSTA; SOUZA, 2016).

Para Costa e Souza (2016), a relação com o ensino de Ciências se dá na medida em que o campo se torna espaço privilegiado para a abordagem de conteúdos, tais como o corpo humano e a reprodução. No entanto, partindo dessa premissa, as práticas educativas acabam pautando-se somente em um viés biológico, no que diz respeito das anatomias corporais, desconsiderando que esse corpo estudado está inserido em dimensões sociais, culturais, afetivas



e históricas (COSTA; SOUZA, 2016). Tais perspectivas, acerca das questões de gênero e sexualidade em Ciências, permitem refletir que para além da visão biológica ensinada, faz-se necessária discutir em sua transversalidade, sua construção histórica e social, contribuindo para o respeito acerca das diferenças, combate à discriminação, preconceitos e violências, dentro e fora da escola.

A perspectiva de uma nova visão das relações de gênero e sexualidade pode contribuir para reflexões sobre as práticas educativas, principalmente no ensino das Ciências, haja vista a necessidade da superação de um senso comum pedagógico (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2011). Para Coelho e Campos (2015), é urgente, no ensino de Ciências, o reconhecimento de significados e sentidos que sustentam a abordagem da temática sexualidade e relações de gênero, em vista à elaboração de novos sentidos, os quais incorporem às discussões de gênero e diversidade sexual. Quirino (2014) ressalta a necessidade da transversalidade da temática, entendendo que por tratar de questões sociais, apresentam natureza distinta das áreas que convencionalmente são respaldadas cientificamente para seu trato, portanto, sua complexidade não permite que sejam abordadas por uma área de saber específico.

A ausência de representações LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) nos materiais didáticos e nas demais mídias colabora para que a escola não problematize a diversidade. Nesse sentido, “além disso, embora a formação em gênero e sexualidade seja reconhecida como necessária, ela continua ausente nas licenciaturas e a sua falta nos aponta para uma formação docente inconsistente para as necessidades exigidas pela educação” (BASTOS; CRUZ; DANTAS, 2018, p. 61).

Alguns estudos continuam demonstrando que ainda o professor licenciado em Ciências Biológicas é visto como o profissional mais “indicado”, inclusive “preparado”, para tratar do tema com os estudantes, pois os resultados confirmam que normalmente é de responsabilidade do professor de Ciências ou de Biologia o desenvolvimento dos aspectos biológicos dos sujeitos, o que exclui, em muitos casos –visto a falta de formação inicial e continuada destes profissionais– os aspectos socioculturais e simbólicos imbricados no desenvolvimento da sexualidade (BRIZOLA; LOCKS, 2020, p.147).

No Brasil, há grupos e linhas de pesquisas dedicadas aos estudos de Gênero e Sexualidade, como por exemplo, o “Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE)” do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), criado e consolidado por uma pesquisadora mulher e referências na



área, a professora Dra. Guacira Lopes Louro. De acordo com o site do GEERGE, o grupo é um dos grupos mais antigos do Brasil, reconhecido pelo CNPq.

Ainda no contexto brasileiro, Silva et al. (2020) ao analisar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), “novo” documento que norteia os currículos escolares brasileiros, afirmam que o documento mantém práticas de ensino tradicionais e retrocede comparado a outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) que traziam essas temáticas como temas transversais. Dessa forma, identifica-se que esses assuntos estão sendo silenciadas nas escolas brasileiras. Isto posto, sinaliza-se para maiores aprofundamentos e pesquisas acerca dessas temáticas a fim de criar caminhos para que as discussões sobre Gênero e Sexualidade estejam presentes na vida das educandas e dos educandos por meio da educação escolar.

Por fim, o objetivo desta pesquisa foi identificar a concepção dos e das estudantes de licenciatura de três cursos de Licenciatura da área de Ciências da Natureza, sobre questões relacionadas a Gênero e Sexualidade, assim, entendendo a necessidade de levar mais discussões nas Instituições de Ensino Superior e básico sobre Gênero e Sexualidade, mesmo perante o atual cenário brasileiro, marcado por discursos conservadores e de ódio, sobre o que é tido como “diferente”. Segundo Pereira e Monteiro (2015) o ensino, pesquisas e diálogos entre as ciências biológicas e sociais apresentam vantagens a partir das especificidades de cada área, assim, podendo contribuir na consolidação e investigação da temática Gênero e Sexualidade no Ensino de Ciências.

2 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa mista em educação (PARANHOS et al., 2016), com recorte nas Ciências Naturais, desenvolvida em etapas de análise temática de conteúdo, sendo elas: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados e interpretação. O estudo foi realizado com estudantes de Licenciatura que integram os programas de ensino: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID Física e Química e o Programa Residência Pedagógica Multidisciplinar - PRPM da área das Ciências da Natureza, de uma Instituição de Ensino Superior Pública (IES) do Sul do Brasil. Para investigar as concepções de estudantes de Licenciatura, sobre gênero e sexualidade, foi aplicado o seguinte questionário, aos bolsistas dos três projetos (QUADRO 1).



Quadro 1 - Questionário aplicado aos bolsistas participantes da pesquisa

<p>Curso:</p> <p>Fase:</p> <p>Gênero: Feminino () Masculino () Outro () Qual? _____.</p> <p>1) O que você entende por Gênero?*</p> <p>2) O que você entende por Sexualidade?</p> <p>3) O que é para você Orientação Sexual?</p>
--

Fonte: Dados da Pesquisa.

Na referida IES, em agosto de 2018, iniciaram-se as atividades dos programas de PIBIDs (Química e Física) e Residência Pedagógica Multidisciplinar (RPM), que contam com um total de (101) bolsistas licenciandos e licenciandas. Após esclarecidos e informados sobre a pesquisa, os e as bolsistas foram convidados a participar da pesquisa. Responderam ao questionário um total de (63) ¹bolsistas, sendo (20) do PIBID Física; (11); do PIBID Química e (32) do PRPM. Na referida IES, também há um projeto de PIBID Biologia, contudo, optou-se por não o inserir na pesquisa, porque o núcleo do PRPM é composto quase que 80% por bolsistas do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura, que estão entre a 5^a e 8^a fases.

A análise do material empírico se deu a partir da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), que se dispõe em três etapas, sendo estas: 1- A pré-análise; 2- A exploração do material; e, por fim, 3 - O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação. Para resguardar o sigilo e anonimato dos participantes, esses foram identificados da seguinte maneira: Bolsistas do curso de Ciências Biológicas (CB), do curso de Química (Q) e do curso de Física (F).

Para tanto, sinaliza-se que a pesquisa tem parecer favorável do Comitê de Ética. Da análise do material emergiram as seguintes categorias: 1^a Categoria: Concepções dos Licenciandos e das Licenciandas sobre o conceito Gênero; 2^o Categoria: Concepções dos Licenciandos e das Licenciandas sobre o conceito Sexualidade e 3^o Categoria: Concepções dos Licenciandos e das Licenciadas sobre o conceito Orientação Sexual.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

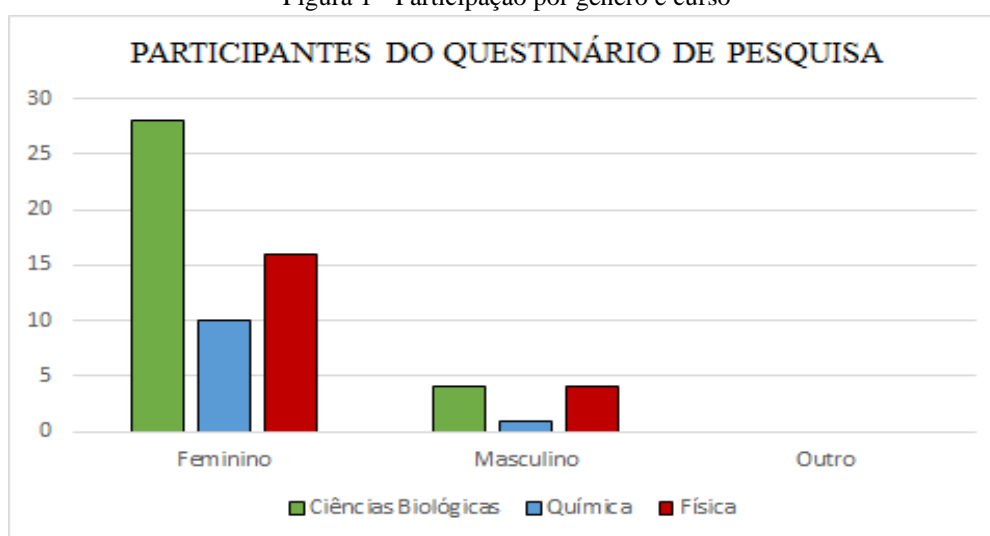
Conforme apresentado no objetivo, a intenção da presente pesquisa era identificar as concepções de licenciandos e licenciandas da área de Ciências da Natureza de uma Instituição

¹ Para identificar os excertos dos acadêmicos foram usados os seguintes códigos: CB2; F10; Q1. No entanto, quando se refere ao quantitativo de acadêmicos que apresentam os mesmos entendimentos e concepções serão utilizadas as seguintes identificações, por exemplo:(1CB,1Q,3F).

de Ensino Superior Pública, referente às Questões de Gênero e Sexualidade. O questionário foi aplicado dentro de dois programas voltados à formação de professores e professoras: 1) Residência Pedagógica Multidisciplinar e 2) Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Química e Física, tendo em vista que nos programas se encontram licenciandos e licenciandas desde as fases iniciais até as fases finais dos cursos. Responderam ao questionário somente os e as bolsistas que se fizeram presentes no dia da aplicação.

Ao total, 63 pessoas participaram da pesquisa, sendo 54 do gênero feminino e 9 do gênero masculino (Figura 1).

Figura 1 - Participação por gênero e curso



Fonte: Dados da Pesquisa.

A diferença entre pessoas do gênero feminino e do gênero masculino que responderam ao questionário é bastante notável, isso pode estar ligado diretamente ao fato de que mulheres são a maioria nos cursos de licenciaturas. Segundo o Ministério da Educação (2018), os dados mais recentes do Censo da Educação Superior, referentes a 2017, apontam que 70,6% das matrículas nos cursos de licenciatura são do sexo feminino. Em contraponto, (COSTA, 2008; CHASSOT, 2003) apontam que, até hoje, a participação das mulheres nas ciências é pequena. No que concerne à Física, “a percentagem de mulheres pesquisadoras tem sido a menor registrada em todos os campos associados às ciências exatas” (COSTA, 2008, p. 3).

A opção ‘outro’ fazendo referência ao gênero que constava no questionário não foi sinalizada por parte dos sujeitos pesquisados. Um ponto que merece atenção, é a notável diferença entre a participação feminina e masculina no curso de licenciatura em Física, tendo em vista que dentro das Ciências, a Física ainda é um curso em que a participação das mulheres tem sido mais lenta.

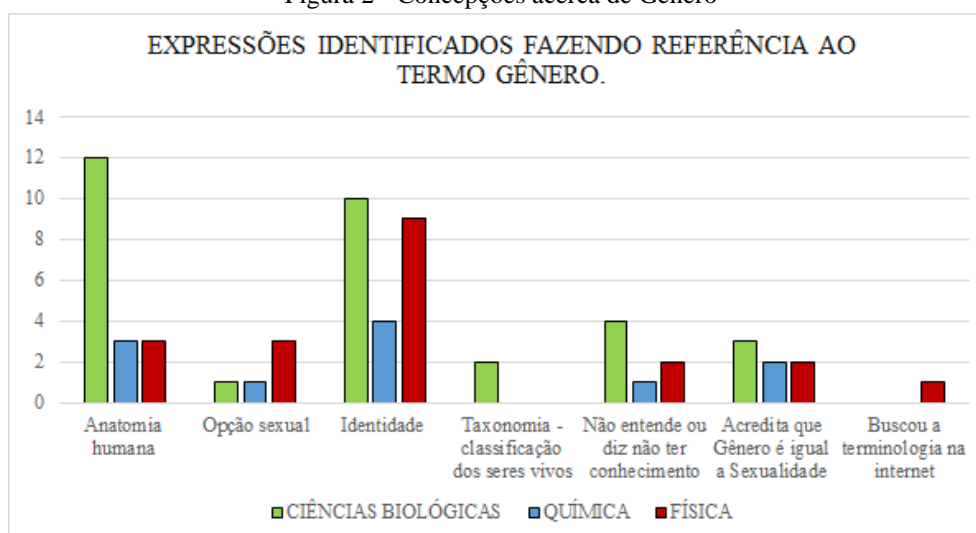
A seguir, serão apresentadas as categorias que emergiram deste estudo, as quais correspondem: 1) Concepções dos Licenciandos e Licenciandas sobre o conceito Gênero; 2) Concepções dos Licenciandos e Licenciandas sobre o conceito Sexualidade e, 3) Concepções dos Licenciandos e Licenciandas sobre o conceito Orientação Sexual.

3.1. CONCEPÇÕES DOS LICENCIANDOS E DAS LICENCIANDAS SOBRE O CONCEITO GÊNERO

A partir do questionário, obtiveram-se algumas informações sobre os participantes e as participantes da pesquisa e os seus conhecimentos em relação às Questões de Gênero e Sexualidade (Quadro 1).

A partir do levantamento de dados, buscou-se estabelecer algumas relações de aproximação das concepções dos licenciandos e das licenciandas sobre Gênero. Em relação a pergunta número: 1) O que você entende por Gênero e Sexualidade? Foram identificados sete (7) entendimentos de análise para o termo GÊNERO, sendo 1) Anatomia humana; 2) Opção sexual; 3) Identidade; 4) Taxonomia - classificação dos seres vivos; 5). Não entende ou diz não ter conhecimento da terminologia; 6). Acredita que Gênero e Sexualidade são termos com o mesmo significado; e, 7). Buscou a terminologia na internet. A (Figura 2) a seguir apresenta as expressões identificadas, fazendo referência ao termo Gênero e ao número de respostas relacionadas a cada um deles. Foram selecionadas as respostas mais relevantes, para compor a análise dos dados.

Figura 2 - Concepções acerca de Gênero



Fonte: Dados da Pesquisa.

Analisando a Figura 2, verificou-se que 18 dos estudantes de licenciatura acreditam que o termo gênero está relacionado à “Anatomia humana”, sendo 12 do curso de Licenciatura em



Ciências Biológicas, 3 do curso de Licenciatura em Química e 3 do curso de Licenciatura em Física. Isso pode ser percebido a partir das respostas a seguir:

“Gênero é designado para a construção social do sexo biológico, homem tem pênis e mulher tem vagina”(CB1) “Gênero entendo que é o que diferencia o corpo de homens e mulheres”(Q3) e ‘O gênero em meu entendimento compreende em sentido biológico uma dimensão genética, conferindo das duas opções possíveis masculino e feminino”(F1).

Analisando o gráfico 2, para cinco (5) dos estudantes de licenciatura o termo Gênero está relacionado à “OPÇÃO SEXUAL”, sendo (1CB/1Q/3F). Isso pode ser percebido nas respostas a seguir:

“Compreende por gênero quando uma pessoa se respeita e é respeitada pela opção sexual a qual ela se identifica”(CB13) “Gênero seria a opção sexual de cada indivíduo, o gênero também pode ser entendido pelo que diferencia as pessoas na sociedade”(Q4), e “Entendo que gênero é a opção sexual que o sujeito escolhe ser, por exemplo, os sujeitos homossexuais e também as lésbicas (eu por exemplo escolhi ser homossexual pela capacidade que os sujeitos tem ao enfrentar a sociedade com a cabeça erguida, e também pelo preconceito da sociedade sobre esses sujeitos)”(F5).

Vinte e três (23) dos licenciandos e licenciandas atribuem o termo Gênero à “Identidade”, sendo (10CB/4Q/9F). Isso pode ser percebido nas respostas a seguir:

“Gênero é o que diferencia socialmente as pessoas, homens e mulheres, o gênero é uma identidade que pode ser construída e desconstruída” (CB15), “Gênero é como a pessoa se identifica na sociedade”(Q5), “Gênero é como a pessoa se reconhece, feminino, masculino, trans, entre outros”(F9).

A compreensão sobre Gênero, de 2 estudantes de licenciatura de Ciências Biológicas, está relacionada à “Taxonomia” conforme expressam em suas respostas:

“Gênero = tipo ou classe”(CB21), “Gênero=Classe”(CB22).

Sete (07) dos licenciandos e licenciandas “Não entendem a terminologia”, sendo (4CB/1Q/2F). Isso pode ser percebido nas respostas a seguir:

“Não tenho nada formado, mas creio que isso é pessoal de escolha própria, temos diferentes gêneros”(CB23), “Na verdade eu não consigo entender ou falar sobre gênero e sexualidade”(CB25), “Gênero masculino e feminino de acordo com a definição “tradicional” pode ser sinônimo de sexo”(Q8) e “Sei que um é o que a pessoa se identifica (hetero ou homo) e o outro é o sexo original da pessoa”(F11).

Para sete (7) estudantes de licenciatura, o termo “Gênero é igual a sexualidade”, sendo (3CB/2Q/2F). Esse entendimento parte do princípio de que os acadêmicos e acadêmicas utilizaram a mesma resposta para justificar termos diferentes, assim, não delimitaram se a resposta fazia referência ao termo Gênero ou ao termo Sexualidade. Isso pode ser percebido nas respostas a seguir:

“São a opção sexual de cada um”(CB26), “São termos que usamos ao pensarmos na identidade de alguém (F13), “É a posição que cada indivíduo apresenta perante a



sociedade”(Q9) e “Gênero e Sexualidade são os definidores do que a pessoa se identifica”(F14).

A partir das análises, verificou-se que um (01) estudante do curso de Licenciatura em Física buscou o termo na *internet*. Conforme expressa em sua resposta:

“Gênero é o termo utilizado para designar a construção social do sexo biológico”(F15).

A partir do exposto, compreende-se que muitos licenciandos e licenciandas trazem consigo concepções e visões tendenciosas em relação ao termo “gênero” ou até não conseguem elaborar uma definição. A justificativa a esse fato pode estar ligada a diversos fatores, como a mídia, família, sociedade e a falta de espaços no âmbito social, escolar e acadêmico para debater questões relacionadas ao assunto. Assim, ressalta-se a importância de a Universidade refletir sobre a inclusão dessas temáticas nos cursos de formação de professores e professoras as. Um ponto positivo que merece atenção, é o fato de que a maioria dos sujeitos da pesquisa relacionaram o termo Gênero ao entendimento que faz referência à identidade, o que, segundo estudiosas e estudiosos da área dos estudos de Gênero e Sexualidade, segue uma perspectiva adequada (LOURO, 1997; SCOTT, 1995).

Gênero faz referência a construção social e histórica do ser masculino e do ser feminino, assim, cada gênero recebe uma série de estereótipos socialmente e culturalmente construídos. Segundo Louro (1997), é a partir das feministas anglo-saxãs que gênero passa a ser usado como distinto de sexo. Visando “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual” elas desejam acentuar, através da linguagem, “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (SCOTT, 1995, p.72). “O gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 15). Louro (1997) afirma que o conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política.

Assim “a pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos” (LOURO, 1997, p 24). No campo da educação em Ciências e da Saúde, Robert Stoller, em 1968, no livro “*Sex and Gender*”, introduziu a palavra gênero para diferenciar do termo sexo, que estava tão somente associado às condições biológicas. Joan Scott, em 1989, atribui aos primeiros movimentos feministas o uso do termo “Gênero”, relacionado como uma categoria e que demarcava, naquela época, os espaços políticos e da luta contra a opressão masculina. Para Scott, a expressão “gênero faz parte de uma tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para insistir sobre a



inadequação das teorias existentes em explicar as desigualdades persistentes entre as mulheres e os homens” (SCOTT, 1990, p. 13). A autora afirmava que:

Mais recentemente – recentemente demais para que possa encontrar seu caminho nos dicionários ou na enciclopédia das ciências sociais – as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos (SCOTT, 1990, p. 2).

O movimento feminista do ano de 1960 contribuiu para modificar as relações entre os sexos. Para Cruz (2014, p. 34):

Com a compreensão de gênero sendo dissociado do determinismo biológico, através dos estudos produzidos na segunda onda feminista, e com a inspiração do pensamento de Michel Foucault e Jaques Derrida, foi sendo constituída uma perspectiva de gênero denominada pós-estruturalista. A meu ver, o que faz a compressão de gênero, nesta perspectiva, ocupa um lugar de elemento organizador das relações e do próprio corpo. Seria uma espécie de “projeto”, iniciado no momento em que se descobre o sexo do bebê ainda no ventre materno, e que implica investimentos contínuos para sua (re)produção e manutenção. Há toda uma expectativa projetada sobre esse futuro homem, ou essa futura mulher.

Segundo Bonetti (2016), dentro dos estudos históricos no campo do feminismo e gênero o que se aponta é que há uma pluralidade de correntes teóricas feministas, que refletem o pluralismo das formas de compreender a constituição das formações sociais e seus sistemas de produção de desigualdades, que afetam homens e mulheres. Ainda, segundo a autora, Gênero é um conceito, uma categoria de análise própria desse acúmulo de fatores, que foi criado como uma ferramenta para compreender a constituição das desigualdades baseadas na diferença sexual, para entender por que razão, em determinadas configurações sociais e históricas, essas diferenças são transformadas em desigualdades. “O termo gênero é bastante complexo, o que permite que seja definido e redefinido” (PRAUN, 2011, p.57). De acordo com Louro (1997, p.24):

É aqui que nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos - étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. - constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse “empurrado em diferentes direções”, como diz Stuart Hall (1992, p.4) Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos. Busca-se compreender que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são: “generificados” -

produzem-se ou “engendram-se”, a partir das relações de gênero (mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, étnicas, etc).

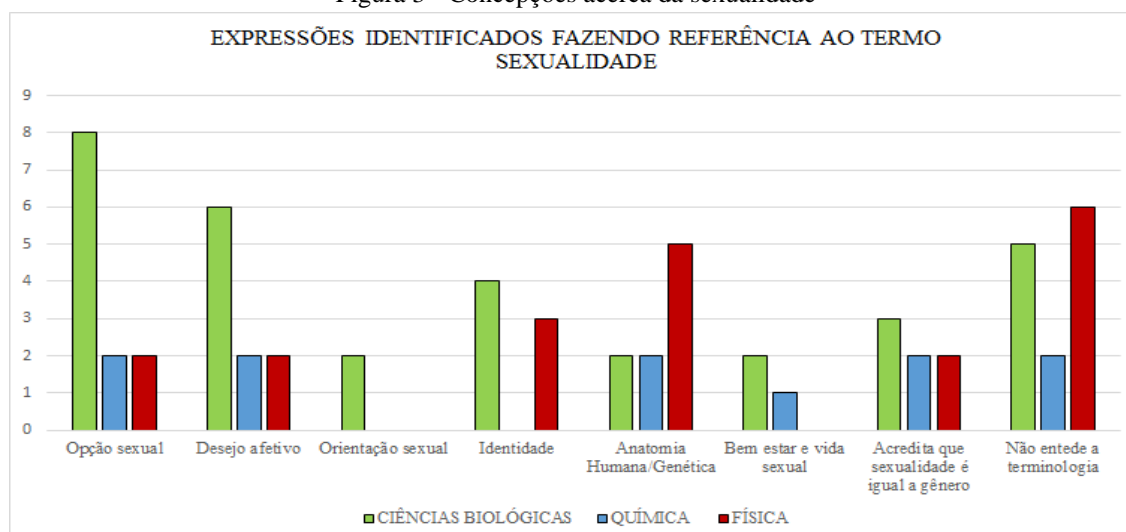
Isto posto, compreende-se que a abordagem de gênero possibilitou a discussão das relações de poder entre meninos e meninas, homens e mulheres e explicitou a construção da desigualdade entre os Gêneros, na história das sociedades (LOURO, 1996).

A partir da análise do termo “Gênero” percebemos que um grupo grande de estudantes apresentaram visões equivocadas sobre a terminologia o que pode implicar no discurso docente em sala de aula e conseqüentemente na disseminação de informações errôneas que podem refletir diretamente na vida dos e das estudantes. Sinaliza-se a importância de entender e discutir, nos diversos espaços sociais, escolares e IES nos cursos de formação de professores essa temática, a fim de apresentar conceitos e informações corretas. Na próxima categoria de análise podemos verificar as concepções dos licenciandos e licenciandas em relação ao conceito de Sexualidade.

3.2. CONCEPÇÕES DOS LICENCIANDOS E DAS LICENCIANDAS SOBRE O CONCEITO SEXUALIDADE

Em relação ao termo SEXUALIDADE foram identificados oito (8) entendimentos para análise, sendo: 1) Opção sexual; 2) Desejo afetivo; 3) Orientação sexual; 4) Identidade; 5) Anatomia humana ou genética; 6) Bem-estar e vida sexual; 7) Acredita que Sexualidade e Gênero são termos com o mesmo significado; e, 8) Não entende a terminologia.

Figura 3 - Concepções acerca da sexualidade



Fonte: Dados da Pesquisa.



Analisando a figura 3, verificou-se que 12 dos estudantes de licenciatura acreditam que o termo sexualidade está relacionado à “Opção Sexual”, sendo (8CB/2Q/2F). Tal compreensão pode ser averiguada nas seguintes respostas:

“A sexualidade envolve as escolhas de relações afetivas das pessoas”(CB29), “Sexualidade é a opção que a pessoa escolhe ser, tipo o gênero que ela se identifica”(Q8), “Sexualidade é a opção de escolha”(F16) e “Sexualidade é com qual gênero a pessoa escolhe se relacionar afetivamente”(F17).

Para 10 dos licenciandos e licenciandas, o termo sexualidade está relacionado ao “Desejo afetivo”, sendo (6CB/2Q/2F).

“Sexualidade para mim, está relacionada com questões afetivas, com questões de desejos, isto é, por quem o indivíduo se interessa”(CB2), “Sexualidade é a decisão em que gênero de humano optamos por nos relacionar”(Q6) e “A Sexualidade envolve as práticas do ser humano, suas escolhas afetivas, etc.”(F15).

“Orientação sexual” foi outro termo utilizado por 2 (dois) estudantes de licenciatura do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas para definir Sexualidade.

“A sexualidade refere-se à orientação sexual”(CB12) e “Sexualidade é gay, bi, hétero, lésbica que você se “descobre” com o passar do tempo”(CB3).

Sete (07) dos licenciandos e licenciandas acreditam que Sexualidade está relacionado à “Identidade”, sendo 4 do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e 3 (três) do curso de Licenciatura em Física.

“Sexualidade é o sexo que a pessoa quer se expressar socialmente”(CB5), “Sexualidade é a forma que a pessoa se sente ou se identifica”(F19) e “Sexualidade: Questão de conhecer a si mesmo, seu corpo, seus gostos, desejos, e não está ligado ao gênero e sim aquilo em que a pessoa sente e “quer”(F20).

Para nove (09) dos estudantes de licenciatura entrevistados, o termo Sexualidade está relacionado à “Anatomia humana/genética”, sendo (2CB/2Q/5F). Conforme expressam em suas escritas:

“Sexualidade compreendo por ser o sexo designado pela genética masculino e feminino”(CB13), “Sexualidade é como ser homem ou mulher, biológico”(Q10) e “Sexualidade é o que a genética nos define”(F4).

Quando inquiridos sobre suas concepções sobre Sexualidade, 3 (três) dos licenciandos e licenciandas relacionam o termo a “Bem-estar e vida sexual”, sendo (2CB/1Q).

“Sexualidade não tem só a ver com sexo, e sim com o corpo, estar bem com nosso corpo e principalmente com nosso gênero escolhido”(CB23) e “Sexualidade é o ato de ter relações sexuais”(Q2).

Para sete (07) estudantes de licenciatura, a “Sexualidade é igual a Gênero”, esse entendimento parte do princípio de que os estudantes utilizaram a mesma resposta para justificar termos diferentes, assim, não delimitaram se a resposta fazia referência ao termo



Gênero ou ao termo Sexualidade, sendo (3CB/2Q/2F). Isso pode ser percebido nas seguintes respostas:

“Gênero e Sexualidade é como as pessoas se identificam na sociedade”(Q5) e “São termos que devemos usar ao pensarmos na identidade de alguém”(F14).

Dos entrevistados e entrevistadas, 13 estudantes de licenciatura responderam que “Não compreendem a terminologia ou não responderam” (5CB/2Q/6F), tais entendimentos podem ser identificados nas respostas a seguir:

“Entendo pouco sobre o assunto”(CB24) e “Na verdade eu não consigo entender ou falar sobre gênero e sexualidade”(CB25).

A partir das respostas dadas ao questionário, identifica-se que os e as estudantes de licenciatura, futuros e futuras professores e professoras, possuem concepções e visões errôneas sobre o termo Sexualidade, pois assim como as questões de Gênero, a Sexualidade também é um assunto considerado tabu para algumas pessoas. Infelizmente, a mídia e alguns discursos políticos acabam reproduzindo conteúdos equivocados, com a finalidade de ridicularizar ou manipular uma visão e um entendimento errôneo sobre essas temáticas. Outro ponto a ser considerado e que merece atenção, é o fato de que a maioria dos e das estudantes de licenciatura entrevistados relataram não saber o significado do termo ou relacionam a sexualidade a opção sexual, assim, tratando a sexualidade como opção.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997, a Sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. “Segundo esse pensamento, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento” (BRASIL, 1997, p. 117).

Segundo Feitosa e Callou (2011), além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se, então, com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado aos valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Antropologia, História, Economia, Sociologia, Biologia, Medicina, Psicologia e outras mais: “Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural” (BRASIL, 1997, p.117). Cada sociedade cria conjuntos de



regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo (BRASIL, 1997, p. 117).

Os sujeitos podem exercer a sexualidade de formas plurais. É importante atentar para o fato de que grande parte dos discursos sobre Gênero, de algum modo, incluem ou englobam as questões de sexualidade (MAC AN GHAILL, 1996). “Antes de avançarmos, no entanto, talvez seja importante tentar estabelecer algumas distinções entre gênero e sexualidade, ou entre identidades de gênero e identidades sexuais” (LOURO, 1997, p. 25). De acordo com o pensamento da autora:

Apenas mais recentemente alguns estudiosos e estudiosas estão buscando um refinamento nas análises, acentuando algumas distinções que podem ser importantes. Ao longo de seus estudos, Jeffrey Weeks (1993, p 6) afirma inúmeras vezes que “a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia com o corpo”. Compartilhando da posição de muitos outros estudiosos e estudiosas, ele fala da impossibilidade de “compreender” a sexualidade observando apenas seus componentes ‘naturais’(…), esses ganham sentido através de processos inconscientes e formas culturais”(p.21). Se Foucault foi capaz de traçar uma História da Sexualidade (1998), isso aconteceu pelo fato de compreendê-la como uma visão social” ou seja, por entender que ela se constitui a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades” (LOURO, 1997, p. 26).

Atualmente, a sexualidade humana é definida como uma dimensão biológica produzida no contexto social, cultural e histórico, no qual o sujeito se encontra inserido (CARVALHO, RODRIGUES; MEDRADO, 2005). Assim, recebe forte influência do convívio social e cultural na construção da significação para o sujeito. A sexualidade teve, ao longo da história, uma série de significações, sendo influenciada pelas necessidades do contexto histórico (MAROLA; SANCHES; CARDOSO, 2011).

“Nenhuma identidade sexual, mesmo a mais normativa, é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção” (BRITZMAN, 1996, p.74). Dessa forma, percebe-se que a sexualidade faz parte da vida dos sujeitos, mas muitos e muitas acabam não sabendo o significado do termo e, mesmo assim, a partir de visões tendenciosas e distorcidas, reproduzem o preconceito contra pessoas que são “diferentes” do que segue o padrão heteronormativo, que é o padrão onde somente relações heterossexuais são aceitas como normais, na sociedade.

Cada pessoa tem a sua sexualidade e isso não deve ser tratada como uma escolha, uma opção, mas sim como algo que faz parte do ser humano, isso sinaliza respeito, atenção e mais espaços de fala sobre essas questões no âmbito social e acadêmico. “A sexualidade sempre foi uma questão que despertou dúvidas e a curiosidade das pessoas, a forma como se relacionam,



com quem, o que as atrai, qual o objeto de seu desejo, etc., porém, questões como essas ainda são consideradas como tabus para alguns” (MELO, SOBREIRA, 2018, p. 367). “Falar sobre sexo, gênero e orientação sexual além de possibilitar debates, desmistificação de preconceitos e paradigmas serve como orientação, uma vez que no imaginário coletivo ainda habitam alguns mitos e inverdades sobre essas temáticas” (MELO, SOBREIRA, 2018, p. 367).

Entende-se, que a Sexualidade está longe de ser uma opção de cada sujeito, assim, conclui-se que a maioria das respostas obtidas no questionário, referente a essa questão, apresentam entendimentos equivocados e isso pode refletir em diversos aspectos no contexto escolar, acadêmico e social. A Sexualidade faz parte de todos os sujeitos, mas pouco se ouve falar sobre isso na universidade e nas escolas.

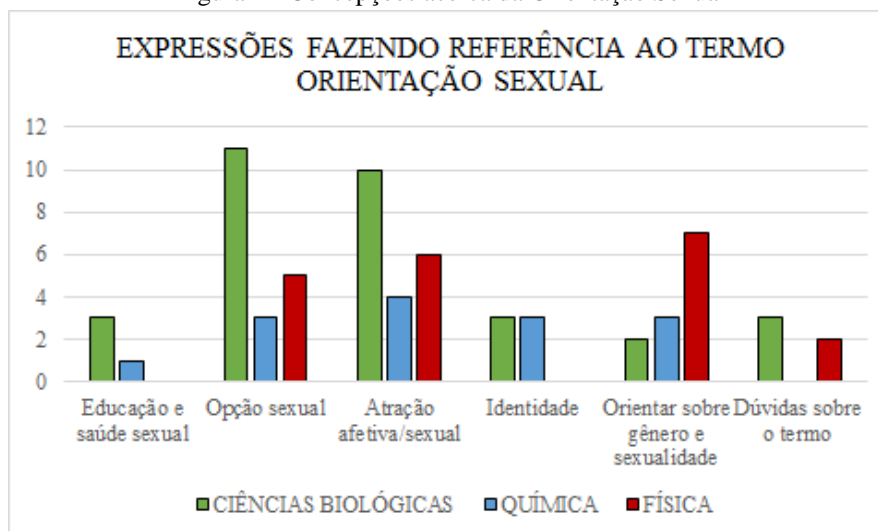
A homofobia é um conjunto de ódio, desprezo e preconceitos ligados à Orientação Sexual de cada sujeito e isso está diretamente ligado à Sexualidade, assim, vale a pena refletir acerca da seguinte problematização: Será que as pessoas que reproduzem a homofobia sabem o que significa Orientação Sexual?

Percebemos que os futuros professores e futuras professoras não compreendem algo que faz parte de suas próprias vidas, como a Sexualidade. A desinformação sobre Sexualidade se repete em relação ao Gênero como percebemos nessa categoria. É lamentável perceber que possivelmente as pessoas reproduzem preconceitos sobre algo que as mesmas apresentam concepções tendenciosas e que não correspondem com a realidade. Na próxima categoria de análise buscou-se verificar as concepções dos licenciandos e licenciandas referentes ao termo Orientação Sexual.

3.3. CONCEPÇÕES DOS LICENCIANDOS E LICENCIANDAS SOBRE O CONCEITO ORIENTAÇÃO SEXUAL

Em relação à terceira parte do questionário (Quadro 1), foram obtidas seis categorias de compreensão da análise, sendo: 1) Educação e Saúde Sexual; 2) Opção Sexual; 3) Atração Afetiva ou Sexual; 4) Identidade; 5). Orientar sobre Gênero e Sexualidade; e, 6) Dúvidas sobre o termo.

Figura 4 - Concepções acerca da Orientação Sexual



Fonte: Dados da Pesquisa.

Quando os estudantes de licenciatura são inquiridos e inquiridas sobre seus entendimentos acerca de “Orientação Sexual”, verificou-se que 4 licenciandos e licenciandas relacionam à “Educação e saúde sexual”, sendo (3CB/1Q). Isso pode ser percebido nas respostas a seguir:

“É o ensino sobre várias questões, como: doenças, tratamento e cuidados com o corpo”(CB20) e “É você saber sobre sexo, ser orientado sobre o uso de camisinha e doenças transmitidas por sexo”(Q8).

Para dezenove (19) dos licenciandos e licenciadas, Orientação Sexual está relacionada à “Opção sexual”, sendo (11CB/3Q/ F5):

“Muitas vezes a orientação sexual é julgada pela sociedade, mas quem define a orientação sexual é a própria pessoa, vai de cada um fazer a escolha, pois muitas vezes o corpo biológico não corresponde com a cabeça e as emoções”(CB5) e “Orientação sexual tem a ideia de permitir a compreensão de que o homossexual escolheu sentir o desejo que sente e, portanto, poderia ter optado por ser heterossexual. Se fosse uma opção, os heterossexuais também poderiam ser homossexuais”(F5).

Analisando a figura 4, identificou-se que para dezessete (17) dos e das estudantes de licenciatura, a Orientação Sexual é relativa à “Atração sexual/afetiva”, sendo (CB9/4Q/4F). Conforme expressam em suas respostas:

“É o desejo sexual, atração sexual por pessoas de sexo diferente, mesmo sexo, etc.”(CB8) e “É a preferência pelo qual gênero cada um tem. Cada pessoa é atraída por gênero, e isso se encaixa na sua orientação sexual”(Q4).

Outro entendimento de Orientação sexual está relacionado à “Identidade”, como expressaram seis dos acadêmicos/as entrevistados/as (3CB/3Q).

“Orientação é aquilo com que você se identifica, como gay, lésbica, trans...”(CB3) e “É o que cada pessoa vê em si o que deseja, de quais pessoas quer se relacionar, o



que não é um padrão, como “gay”, “lésbica” ou “bi”, pois cada pessoa tem o direito de ser o que quiser e se relacionar com quem quiser (CB3).

Para doze (12) dos licenciandos e licenciandas, Orientação Sexual está relacionada à “Orientar sobre Gênero e Sexualidade” (2CB/3Q/7F):

“Orientação Sexual é informar sobre a sexualidade, o que ela envolve, sem discriminar ou tentar fazer com que os indivíduos reprimam suas preferências sexuais, é orientar e auxiliar os sujeitos na descoberta e aceitação da sua sexualidade (F17) e “Compreender as questões voltadas para gênero e sexualidade, respeito pelo outro, não é ensinar a fazer sexo, jamais, é mais voltado para questões éticas, cuidados com o corpo e respeito (F19).

Quando questionados sobre o entendimento sobre Orientação Sexual, cinco (05) (3CB/2F) estudantes de licenciatura citam que “Apresentam dúvidas sobre o termo”, conforme podem ser vistas nas escritas a seguir:

“Confesso que tenho dúvidas sobre o termo, mas entendo que seja referente ao desejo por homem ou mulher”(F20) e “No meu ponto de vista não se refere ao ato sexual, orientação sexual em relação ao nosso corpo, nossa higiene, métodos contraceptivos, não sei”(CB23).

Constata-se, que a maioria dos acadêmicos e acadêmicas associam o termo “Orientação Sexual” ao fato de escolha, tratam a Orientação Sexual como uma opção individual. É “um equívoco dizer que se trata de uma opção sexual, pois não depende de escolhas conscientes nem pode ser aprendida” (BRASIL, 2011, p.15). “Orientação sexual se refere à atração por alguém de algum gênero” (MELO, SOBREIRA, 2018, p. 385). Conforme Brasil (2004, p. 29):

[...] atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa sente pela outra. A orientação sexual existe num continuum que varia desde a homossexualidade exclusiva até a heterossexualidade exclusiva, passando pelas diversas formas de bissexualidade. Embora tenhamos a possibilidade de escolher se vamos demonstrar, ou não, os nossos sentimentos, os psicólogos não consideram que a orientação sexual seja uma opção consciente que possa ser modificada por um ato da vontade.

Em conformidade com Rios e Piovesan (2001), Orientação Sexual é a identidade que se atribui a alguém, em função da direção da sua conduta ou atração sexual, “se está se dirige a alguém do mesmo sexo, denomina-se de orientação homossexual; se, ao contrário, a alguém do sexo oposto denomina-se heterossexual, se pelos dois sexos, de bissexual” (MELO, SOBREIRA, 2018, p. 368). “Dessa maneira, a orientação sexual está relacionada ao sentido do desejo sexual do indivíduo, se pelo mesmo sexo, pelo oposto ou por ambos” (MELO, SOBREIRA, 2018, p. 368).

A partir das análises das respostas, pode-se inferir que um número expressivo dos estudantes de licenciatura apresenta concepções equivocadas sobre o termo Orientação Sexual. Dessa maneira, conclui-se que grande parte dos licenciandos e licenciandas não sabem que a



Orientação Sexual faz parte de suas vidas e que isso é o reflexo da Sexualidade de cada um e cada uma. É lastimável perceber que muitas pessoas não sabem definir algo que faz parte de suas realidades, de suas vidas e até dos seus sentimentos. Criar espaços na universidade, na escola e na sociedade é fundamental para debater temáticas envolvendo Gênero e Sexualidade, pois as pessoas precisam ter mais acesso a esse tipo de discussão e informação, visto que são pontos que fazem parte da vida do ser humano.

Essas temáticas são tratadas como opiniões de senso comum no âmbito social e isso pode ser apenas uma das inúmeras influências na reprodução desses preconceitos. Saber o significado da terminologia é essencial para entender a própria Sexualidade e respeitar a Sexualidade do outro. É preciso construir e desconstruir algumas visões e concepções de terminologias que fazem parte da vida do ser humano e, assim, criar caminhos para uma sociedade que saiba respeitar e conviver com a diversidade sexual.

A partir das três categorias de análise percebemos que os professores e as professoras em formação inicial necessitam de espaços de formação que abordem questões que refletem diretamente na vida das pessoas, como as questões de Gênero e Sexualidade. Precisamos de disciplinas que abordem essas temáticas a fim de contemplar no discurso docente a inclusão de todos e todas, assim, romper com o discurso heteronormativo que é excludente e seletivo. Informações corretas sobre assuntos polêmicos são caminhos para superar discursos de ódio e a LGBTfobia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questões de Gênero e Sexualidade são temáticas bastantes polêmicas no âmbito social, cultural e político. A mídia, os discursos políticos, a forma tradicional do pensamento são apenas alguns dos exemplos que constroem uma visão e um discurso tendencioso e comprometedor sobre Gênero e Sexualidade, mas o que realmente significa Questões de Gênero e Sexualidade? Percebe-se, a partir deste trabalho, que um número expressivo de licenciandos e licenciandas apresentou uma pluralidade de termos para definir essas temáticas.

Quando se fala de Gênero, a maior parte dos e das estudantes de licenciatura relacionaram o termo à palavra “Identidade” o que, a partir do referencial teórico, percebe-se que se aproxima da discussão. Quando se fala de Sexualidade e Orientação Sexual, a maior parte dos e das estudantes de licenciatura associaram os termos à “opção sexual” ou não souberam responder. A partir do referencial teórico, percebe-se que a Sexualidade não é uma opção e muito menos deve ser tratada nesse sentido.



A Universidade inclui esse tipo de discussão nos seus cursos voltados à formação de professores e professoras da área de Ciências da Natureza? Percebe-se que muito pouco, grande parte dos e das estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e Licenciatura em Química responderam que já ouviram falar sobre Questões de Gênero e Sexualidade, na sua formação, de maneira breve, a partir dos componentes curriculares de temas Contemporâneos da Educação, temas Transversais na Educação ou a partir da fala de colegas em palestras ou minicursos. A maioria dos e das estudantes do curso de Licenciatura em Física responderam que não ouviram falar sobre Questões de Gênero e Sexualidade na sua formação e quando ouviram foram em palestras fora da Universidade.

Será que os professores formadores e professoras formadoras sabem abordar essas questões nas suas práticas pedagógicas e na formação de futuros professores e professoras? Será que a formação dos mesmos contemplou essas temáticas? Precisamos pensar. Quando os acadêmicos e acadêmicas foram questionados em relação a trabalhar com questões de Gênero e Sexualidade no ambiente escolar, a maioria se posicionou a favor e isso é um ponto extremamente positivo, pois futuros professores e professoras reconhecem que essas questões fazem parte da vida dos sujeitos desde a infância e que a adolescência é uma fase da vida onde as dúvidas são constantes. Logo, uma formação voltada para essas Questões é sinônimo de estar preparado diante de assuntos que envolvam a dignidade das pessoas.

É necessário que as Universidades, juntamente com o Estado, assumam a responsabilidade de contribuir para a formação inicial e continuada dos/as professores/as que atuam na rede pública de ensino, de forma regular e sistemática, numa tentativa de reeducar sexualmente estes profissionais. Esta é uma tarefa a que as Universidades não podem mais se esquivar (BRIZOLA; LOCKS, 2020, p.156).

Existe uma grande resistência em relação às questões de Gênero e Sexualidade no ambiente escolar, mas também existe luta e pessoas comprometidas que reconhecem a importância e o verdadeiro significado de incluir essas discussões nos espaços escolares. A escola é um ambiente de construção e desconstrução de conceitos. É dentro do espaço escolar que as realidades, diferenças, pluralidades culturais, diversidades de classe, religião, etnias e configurações de famílias se encontram. Crianças e adolescentes, a partir das diferenças de realidades, podem aprender a partir do contato com outras visões panorâmicas de mundo.

Questões de Gênero e Sexualidade no ambiente escolar vão além de visões tendenciosas ou distorcidas, a partir da inclusão dessas temáticas surgem uma diversidade de assuntos que podem ser abordados, com a finalidade de promover uma sociedade mais digna, incluir essas



temáticas possibilitam ensinar que: 1) ninguém tem o direito de bater no outro, com a finalidade de alertar sobre a violência de gênero, pois há relatos de crianças e adolescentes denunciando em sala de aula a violência contra mulher; 2) que um adulto não tem o direito de tocar no corpo de uma criança ou de um adolescente, pois há relatos de crianças e adolescentes manifestando em sala de aula casos de abuso sexual; 3) que todas as identidades merecem respeito e atenção; 4) que todas configurações de famílias merecem respeito; 5) criar espaços de fala sobre Gênero, Sexualidade e Orientação Sexual, já que muitas vezes, em casa, as famílias não abordam essas discussões com seus filhos e filhas; 6) criar espaços de diálogo sobre o corpo e 7) alertar sobre estupro, gravidez indesejada e métodos contraceptivos; e, 8) Levar dados estatísticos sobre violência contra a mulher, feminicídio, violência contra LGBT, a fim de sensibilizar a reflexão.

A partir das análises, conclui-se que as questões sobre gênero e sexualidade estão sendo pouco trabalhadas na formação de professores e professoras, apenas em uma disciplina de maneira breve e por outras acadêmicas, a partir de palestras e minicursos. Os licenciandos e licenciandas reconhecem a importância de se trabalhar com questões de Gênero e Sexualidade, isso sinaliza que os três cursos de Licenciatura necessitam de mais espaços para discutir essas temáticas durante o processo de formação de professores e professoras.

Precisamos buscar alternativas para incluir as questões de Gênero e Sexualidade na formação de professores e professoras de Ciências da Natureza. Algumas das alternativas seriam incluir discussões no currículo dos cursos de formação inicial e também convidar profissionais especialistas no assunto para dialogar com professores em formação inicial e continuada em programas voltados a formação de professores como o Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), Programa de Educação Tutorial (PET) e Residência Pedagógica (RP). Também são necessárias disciplinas que abordem questões de Gênero e Sexualidade nos currículos de formação inicial de professores e professoras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Bastos de Cruz; DANTAS, Isaura Santiago da; CARVELHO, Maria da Conceição. **Gênero e sexualidade na escola** - Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BONETTI, Alinne de Lima. Entre armadilhas ideológicas e confusões propositais: reflexões sobre a polêmica em torno da "ideologia de gênero". In: Silva, Fabiane Ferreira da; Bonetti, Alinne de Lima. **Gênero, Interseccionalidades e Feminismo: Desafios Contemporâneos para a Educação**. São Leopoldo: Oikos, 2016.



BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra LGBT e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Recuperado de: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf> Acesso em 15/10/2021.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para uma educação entre pares: diversidades sexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, v. 8, 2011.

BRASIL. Programa de Residência Pedagógica: Chamada Pública Para **Apresentação de Propostas no Âmbito do Programa de Residência Pedagógica**. Brasília: Ministério da Educação 2018.

BRIZOLA, Yared Yalin; LOOCKS, Geraldo Augusto. Educação Sexual e Formação de Professores de Ciências e Biologia. **Revista Brasileira De Sexualidade Humana**, v.22, n.2, 2020. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v22i2.229>,

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, 21(1), p.1-26, 1996.

COELHO, Leandro Jorge; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. *Revista Ciência e Educação*. v.21, n.4, p. 893-910, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-731320150040007>

COLLING, Leandro. igualdade não faz o meu gênero: em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. **Revista Contemporânea**, 3(2), p.405- 427, 2013.

COSTA, Paula Naranjo da; SOUZA, José Camilo Ramos de. DE. Sexualidade e Gênero e Ensino de Ciências: Buscando Novos Sentidos. **III Coned**, v(3º), p. 1-10, 2016.

CRUZ, Ederson da. **Gênero e currículo: problematizando essa relação nos cursos de formação inicial de docentes**. 135 f. (Tese de Doutorado). Universidade do Vale dos Sinos, Porto Alegre, 2015.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. – 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DIAS, Alfrancio Ferreira. **Representações sociais de Gênero no trabalho docente: sentidos e significados atribuídos ao trabalho e a qualificação**. Vitória da Conquista (BA): EDUESB, 2014.

FEITOSA, Cícera Honório; CALLOU, Virginia Torquato. T. Educação Sexual: Algumas reflexões. Id on Line **Revista de Psicologia**, 1(13), p.32-41. ISSN 1981-1189, 2011.



FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Vol 1: A vontade de saber 11ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FRANÇA, Fabiane Freire. **A contribuição dos estudos de gênero à formação docente: uma proposta de intervenção**. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, 2009.

HALL, Stuart. A questão da identidade cultural. In Hall, S., Held, D. & McGrew T(orgs.) **Modernity and its futures**. Cambridge: Polity/Open University, 1992.

HERBERLE, Viviane Maria; OSTERMANN, Ana Cristina; FIGUEIREDO, Debora. **Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos**. 01. ed. Florianópolis, 2006. 234p.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2ª edição – revista e ampliada. Brasília: Revista Ampliada, 2012.

JESUS, Rilda Maria Bispo de. Onde está o gênero na formação docente? Algumas reflexões iniciais sobre as relações de gênero e os cursos de licenciatura em Eletromecânica. In: Educere. **Anais Educere**, v(13º), p.15026-p. 15034, 2015. ISSN 2176-1396

LOPES, Beliza Stasinski. O Ensino De Gênero E Sexualidade Na Formação De Professores. In: 13º Mundos De Mulheres & Fazendo Gênero, 11. **Anais eletrônicos** v(11º), p. 1 – 12, 2017. ISSN 2179-510X

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação** – Uma perspectiva pós-estruturalista. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação** - Uma perspectiva. Pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. In: Lopes, M. J. D., Meyer, D. E., Waldow, V. R, (orgs.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, 19(2), p. 17-23, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MACHADO, Juliana Brandão; DA LUZ, Juliana da Rosa Brochado da; FARIAS, Vagner Moraes. Gênero e formação de professores: por uma prática pedagógica crítica e reflexiva. In: **13º Mundo das Mulheres e Fazendo Gênero**, 11(nº), p. 1- 11, 2017. ISSN 2179-510X

MAROLA, Caroline Andreia Garrido; SANCHES, Carolina Silva Munhoz; CARDOSO, Lucila Moraes. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psic. da Ed.**, v.33, n.4, p. 95-118, 2011. <https://doi.org/10.18554/>



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MELO, Talita Graziela Reis; SOBREIRA, Maura Vanessa Silva. Identidade de Gênero e Orientação Sexual: Perspectivas Literárias. **Temas em Saúde**, v.18, n.3, p. 366-388, 2018. <http://dx.doi.org/10.29327/213319.18.3-21>

PARANHOS, Ranulfo et al. Uma introdução aos métodos mistos. *Sociologias* [online]. 2016, v. 18, n. 42, pp. 384-411. <https://doi.org/10.1590/15174522-018004221>.

PEREIRA, Zilene Moreira; MONTEIRO, Simone Souza. Gênero e Sexualidade no Ensino de Ciências no Brasil: Análise da Produção Científica. **Revista Contexto e Educação**, v.30, n.95, p.117-143, 2015.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, v(43), p. 205-224, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40602012000100014>.

REIS, Greissy Leoncio. O Gênero e a Docência: uma análise de questões de gênero na formação dos (as) professores(as) do curso Normal Médio do Instituto de Educação Euclides Dantas. In: **I Encontro dos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador**, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v.16, n.2, p. 2-22, 1995. ISSN 0100-3143

SILVA, Aghata Teixeira; TORRES, Iraíldes Caldas. Formação de professores em Diversidade Sexual e Gênero no Amazonas. In: **17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero – REDOR**. João Pessoa. *Anais*. Editora da UFPB, p. 1-8, 2012. Recuperado de: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/12/180>.

SILVA, Sergio Gomes da. O conflito identitário: sexo e gênero na constituição das identidades. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. São Paulo, v.10, p.1, p. 71-85, 1996. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v10i1.689>

SILVA, Juliana Colares da; MARASCHIN, André de Azambuja; FUNARI, Catiúcia Anselmo; MELLO, Elena Maria Billig; JUNQUEIRA, Sonia Maria da Silva. M. Gênero e sexualidade na BNCC: uma análise sob a perspectiva freireana. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 152–176, 2021. DOI: 10.14295/de.v8i2.12104. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12104/8470>. Acesso em: 19 nov. 2022.

SOUZA, Leandro Corsico. **Gênero e sexualidade na formação de docentes em Biologia**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, p.6-58, 2008. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2012/06/SOUZA-Leandro-Corsico1.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2021.



STOLLER, Robert. **Sex and gender: the development of masculinity and femininity**. New York: Science House, 1968.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Educação para todos: Gênero e Educação para todos**. O salto para a Igualdade. Relatório global de EPT 2003/2004. São Paulo: Moderna, 2004.

WEEKS, Jeffrey. **El malestar de la sexualidad Significados, mitos y sexualidades modernas**. Madrid: Talasa, 1993.